

**FERDINAND DE SAUSSURE,
NA VISÃO DE GIULIO CIRO LEPSCHY
HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO**

José Pereira da Silva (UERJ)
jpsilva@filologia.org.br

RESUMO

Neste trabalho, é interessante verificar o quanto já se podia refletir sobre a contribuição de Ferdinand de Saussure, da década de 1960, apesar de pouco se conhecer do que ele produziu, visto que a base para essas reflexões eram praticamente, só o livro póstumo organizado e publicado por seus alunos a partir da reunião de anotações feitas em sala de aula durante o curso de linguística geral que ofereceu em três períodos letivos na universidade de Genebra, de 1906 a 1911. As reflexões sobre Saussure apresentadas em 1966 por Giulio Ciro Lepschy estão relacionadas, basicamente, às dicotomias como importantes subsídios para a formatação definitiva do estruturalismo, que se tornou importante para muitas ciências, além da linguística. O objetivo deste trabalho, portanto, é apresentar as reflexões de Lepschy sobre Saussure, a partir da análise de suas dicotomias.

Palavras-chave: Estruturalismo. Dicotomias. Saussure.

1. Considerações preliminares

Cinco anos depois de publicado o original italiano, a Editora Perspectiva e a Editora da USP publicaram a tradução de *La Linguistica Strutturale*, de Giulio Ciro Lepschy (1935-), preparada por Nites Therezinha Feres, revisada por Alici Myashiro e Mary Amazonas Leite de Barros, da qual extraio o texto que apresento aqui para contribuir para divulgação da

contribuição de Ferdinand de Saussure para o estabelecimento do estruturalismo.

Espero, piamente, que a releitura dessa parte daquela obra, traduzida como *A Linguística Estrutural*, leve os estudiosos de linguística e letras a retomarem a obra de Lepschy sobre o estruturalismo.

O que apresentarei aqui está nas páginas 16-20 e 27-37, com poucas intervenções.

2. Ferdinand de Saussure (1857-1913) e o Curso de Linguística Geral

Em 1878 aparecia *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (*Memória sobre o sistema primitivo das vogais das línguas indo-europeias*), obra de grande originalidade, na qual, aos 21 anos de idade, Ferdinand de Saussure

descobriu alguns princípios fundamentais, como a chamada lei das palatais que ... revolucionava a visão do indo-europeu, atribuindo, com toda certeza, ao sistema fonológico antigo a vogal *e* e, conseqüentemente, *o*, consideradas secundárias até aquele tempo (em razão das ilusórias condições do sânscrito no qual *a* representava, também, *e* e *o* antigos), como a existência de coeficientes soantes capazes de alongar a vogal precedente, assim como a suposição, rica em conseqüências, de que a vogal fundamental do indo-europeu fosse *e*. (BOLELLI, 1965, p. 358)

A leitura da *Memória sobre o sistema primitivo das vogais das línguas indo-europeias* constituiu uma das aventuras intelectuais mais excitantes da indo-europeística.

As descobertas de Ferdinand de Saussure são devidas a uma análise que nos parece hoje, evidentemente estruturalista, na qual se postulam, graças à consideração do sistema, elementos de caráter abstrato, definíveis não com base em seu aspecto fonético, mas em sua função estrutural.

O rigor teórico que havia dado frutos tão extraordinários na *Memória sobre o sistema primitivo das vogais das línguas indo-europeias* paralisou, depois, com suas próprias exigências, a produção de Ferdinand de Saussure que publicou poucas contribuições.

No último período de sua vida, os problemas metodológicos se tornaram predominantes em sua reflexão, mas foi só depois de sua morte (1913) que suas intuições se tornaram acessíveis a um público maior que o constituído por seus ovinos.

Em 1916, Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946) publicaram, com o título de *Curso de Linguística Geral*, uma revisão dos apontamentos que vários alunos haviam tomado, durante três cursos de linguística geral proferidos por Ferdinand de Saussure em 1906-1907, 1908-1909 e 1910-1911. Essa obra estava destinada a ter uma importância incalculável na história da linguística moderna. Entretanto, é preciso dizer que ele não foi assimilado, em sua totalidade, pela cultura linguística.

Afinal de contas, a questão se tornou difícil pelo fato de o *Curso de Linguística Geral* ter sido um texto "refeito", não ter levado o selo do mestre e, particularmente em certos pontos delicados, ter deixado o leitor insatisfeito, passando de uma fugitiva incerteza de expressão a uma espécie de simplismo racionalizante que evitava astuciosamente os problemas reais.

Foram principalmente alguns pontos particulares do *Curso de Linguística Geral*, expressos de modo especialmente vivido e sugestivo, que encontraram crédito. Esses pontos foram frequentemente isolados do contexto do pensamento saussuriano e tomados como fundamentos de elaborações, cujo objetivo era, algumas vezes, muito diferente daquele que havia sido apresentado no *Curso de Linguística Geral*.

Os principais entre esses pontos são as distinções entre as dicotomias: a distinção entre sincronia e diacronia, entre *língua* e *discurso*²¹, a noção de língua como sistema de signos (significante e significado) e, no mesmo plano, a noção de entidade linguística não positiva, mas puramente diferencial e negativa.

3. *Sincronia e diacronia*

A distinção entre sincronia e diacronia se encontra explicitamente formulada no *Curso de Linguística Geral* e foi largamente acolhida pela linguística moderna. Walther von Wartburg (1888-1971) foi protagonista de um importante debate a este propósito, chegando a refutar a dicotomia saussuriana. Também os seguidores de posições idealistas, para os quais conhecer um fenômeno é conhecer sua concretização e a sua história, são contrários a tal dicotomia. Nesta questão, entretanto, é preferível não ler, no *Curso de Linguística Geral*, noções que são estranhas, nem mesmo polemicamente.

No caso presente, por exemplo, a diacronia de que fala Ferdinand de Saussure, e frente à qual ele reivindica a importância da sincronia, é noção decididamente positivista, e nada tem a ver com a "concretização" histórica e dialética dos historicistas. Trata-se, em Ferdinand de Saussure, de fatos empíricos individuais, em sua sucessão cronológica.

Dissemos que a separação de sincronia e diacronia é um dos princípios saussurianos largamente aceitos. E tanto é que ela veio, de fato, a convergir com a exigência, elaborada de forma autônoma no estruturalismo estadunidense, de não introduzir considerações históricas na descrição de um estado de língua.

²¹ Neste texto, vamos traduzir as palavras francesas *langue* e *parole* como *língua* e *discurso*.

A propósito da autonomia da descrição sincrônica, Ferdinand de Saussure insiste na comparação entre sistema linguístico e jogo de xadrez, à qual podemos acrescentar que a comparação é talvez, menos feliz porque podemos considerar o sistema linguístico de maneira ainda mais sincrônica que o jogo de xadrez.

No *Curso de Linguística Geral*, lemos que "Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes; ... para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu ... antes". (SAUSSURE, 2012, p. 131)

No entanto, as regras do xadrez englobam, de maneira curiosa, certas informações que podemos chamar de diacrônicas: deve-se saber, por exemplo, em certas circunstâncias, se o rei foi movido e, depois, levado ao seu lugar, para decidir se é permitido rocar; ou saber se um peão foi deslocado ou não, no movimento precedente, para decidir se pode ser tomado "de passagem"; ou levar em conta, nas finais, o número de movimentos que fazemos de um certo ponto em diante.

Nada de semelhante vale para a língua da qual imaginamos um modelo puramente sincrônico. Além disso, hoje, graças ao *Curso de Linguística Geral*, não se trata mais de afirmar a validade de uma descrição simplesmente sincrônica. O que se discute é a possibilidade de uma linguística diacrônica científica.

Trata-se de ver se o estudo diacrônico é, necessariamente, limitado a fatos isolados individuais e se é feito, necessariamente, no *discurso*; ou, ao contrário, se não podemos ter uma diacronia estrutural que possa retirar da comparação das descrições sincrônicas de estados linguísticos diferentes e sucessivos no tempo, a história do sistema linguístico.

Confirmando a fecundidade desta segunda posição, temos um filão de pesquisa moderna representado, de maneira

eminente, por André Martinet (1908-1999). E, uma vez aceita a possibilidade da linguística diacrônica estrutural, ver-se-á que elementos, potencialmente diacrônicos, foram reintegrados na descrição de estado linguístico; veremos que convém examinar com atenção os pontos de "desequilíbrio", os "esgarçamentos" do sistema, isto é, aqueles setores nos quais o sistema está em mudança e para os quais o modelo sincrônico se revela menos satisfatório.

Sabe-se que as línguas mudam, que estão continuamente em processo de transformação. Mas convém separar claramente o estudo sincrônico do diacrônico; o estudo dos sistemas singulares, concebidos num ponto do tempo, num dado estágio, do estudo das transformações dos sistemas.

Embora as três distinções (*língua-discurso*, paradigma-sintagma, sincronia-diacronia) não possam ser colocadas no mesmo plano, acontece que, para todas as três, na linguística tradicional, se insistiu sobre a polaridade indicada pelos termos *discurso*, *sintagma*, *diacronia*.

Por outro lado, na linguística estrutural, até a década de 1960, pelo menos, insistiu principalmente sobre a polaridade oposta: *língua*, *paradigma*, *sincronia*. Na linguística tradicional, frequentemente a ênfase recaiu sobre atos linguísticos *singulares*.

Na segunda metade do século XX, a linguística prefere considerar tais atos como manifestações exemplificadoras da língua, tendo esta última como objeto próprio e característico de estudo, transferindo à filologia as indagações centralizadas em enunciados singulares, em textos específicos (escritos ou falados).

Ainda mais: a linguística tradicional insistiu na *mudança* das línguas e, no estudo que predominantemente foi cultivado – o das mudanças fonéticas – tratou com particular sucesso daquelas interpretáveis em termos *sintagmáticos*, de

contato entre elementos do discurso, tipicamente de assimilação e de dissimilação (por exemplo, palatização por contato com elementos palatais).

Só recentemente se vem prestando atenção adequada à importância da consideração paradigmática na diacronia, à presença, entre os fatores da diacronia, de pressões no sistema.

A relação entre *língua* e *discurso* e entre paradigma e sintagma é diferente da relação entre sincronia e diacronia. Entre *língua* e *discurso* e entre paradigma e sintagma, os termos são correlatos, ou seja, não se pode usar um senão com respeito ao outro; entre sincronia e diacronia, no entanto, os termos possuem relação assimétrica, na qual a sincronia tem prioridade lógica.

Enquanto o estudo sincrônico pode realizar-se dispensando completamente do estudo diacrônico, o estudo diacrônico pressupõe o sincrônico, porque a diacronia é estudada como transformação de um estado de língua em outro.

As ciências aplicadas não ignoram a oportunidade de formular leis sincrônicas para fenômenos nos quais certos parâmetros estão em modificação contínua. Para a língua, não se trata de violentar a realidade, representando-se, como fixa no tempo, uma coisa que está em movimento. Isto ocorre porque uma das características da mudança linguística é a de subtrair-se à consciência dos indivíduos. Ou seja: o praticante de uma língua tem a impressão de se servir de um instrumento estável e não de um instrumento que se está transformando enquanto ele o usa.

Certos aspectos da mudança, como o de certas expressões entrarem na moda ou caírem da moda, das quais o falante pode tomar consciência, manifestam-se psicologicamente como possibilidades de escolha estilística entre elementos novos ou antiquados que estão presentes sincronicamente e não como

mudança linguística. Há, portanto, um aspecto essencial da língua no qual ela não aparece em movimento.

Deveria ser possível tomar conhecimento da duração de um enunciado pelo fato de que, em cada enunciado, há um outro antes e um depois, que é no entanto, uma dimensão diversa daquela do tempo através do qual as línguas se transformam²².

A oposição entre sincronia e diacronia não deve ser interpretada em termos de ausência ou presença de "historicismo" porque, de um lado, o estudo diacrônico, tal como era desenvolvido, por exemplo, no fim do século XIX, levava em conta o empírico passar do tempo, mas não era absolutamente considerado historicista pelos críticos idealistas; por outro lado, nada impede de considerar, sob forma historicista, um estado de língua sincronicamente entendido.

Tendo ou não uma atitude historicista, deve ser reconhecida a validade, na linguística como em outras disciplinas, destes dois tipos de consideração: o estudo do modo como se passou de um estado linguístico para outro, e o estudo de um estado linguístico, no seu funcionamento e na sua estrutura, completamente independente do modo pelo qual se chegou a esse funcionamento e a essa estrutura.

Em qualquer caso, a afirmação segundo a qual explicar ou entender qualquer coisa significaria tão-somente explicar ou entender como se chegou a ela, parece trazer uma injustificada limitação ao uso dos termos "explicar" e "entender".

²² A este respeito, será muito útil uma leitura de Bakhtin (2011, p. 270-306) "em cada época [...], existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom. [...] Em cada época [...], existem determinadas tradições expressas e conservadas em vestes verbalizadas" (p. 294) porque "Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo" (p. 297), visto que "O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados" (p. 300)

Ferdinand de Saussure pareceu negar a própria possibilidade de um estudo diacrônico estrutural, atribuindo as transformações linguísticas às mudanças de elementos particulares. Em consequência dessas mudanças, novos estados de língua e novas estruturas linguísticas eram determinadas, sem que a mudança fosse estruturalmente perceptível.

À influência de Ferdinand de Saussure se acrescenta a dos estudiosos que identificavam inovações criativas individuais nas mudanças linguísticas executadas por um só indivíduo num só ato linguístico, e difundidas depois, sob a forma de empréstimos, através das inovações singulares que outros indivíduos realizam, em atos linguísticos particulares, não mais criando, mas por imitação.

Se uma inovação surge da criação inovadora, devida às exigências expressivas de um indivíduo num ato linguístico e se difunde, depois, em outras expressões, junto a outros indivíduos; ou se, ao contrário, surge simultaneamente junto a um grupo de falantes, em todos os casos nos quais o elemento inovado se encontra em condições análogas, é uma questão para se resolver empiricamente, *a posteriori*, com base no conhecimento de dados que ainda não existem ou são desconhecidos.

Mesmo que as discussões *a priori* não pareçam muito fecundas, pode-se sublinhar a maior inverossimilhança da primeira hipótese, segundo a qual o espírito criativo escolheria, livremente, executar a inovação expressiva, digamos, de *au* por *ou* (em *auru* por *ouro*) e de *ou* por *ô* (de couve por co-ve). Por outro lado, é verdade que, se nos parece estranho que o espírito criativo venha a se ocupar destas distinções fonéticas tão empíricas, é possível responder que *deve* parecer estranho porque, de outra forma, não se trataria mais de criação livre e imprevisível.

Essas duas distinções parecem ter aplicação muito geral, para além da linguística. De aplicação mais restrita é a distinção entre sincronia e diacronia.

4. "*Língua*" e "*discurso*"

Com respeito à distinção entre *língua* e *discurso*, pode-se repetir o raciocínio feito precedentemente: ou seja, é necessário refutar, imediatamente, uma interpretação segundo a qual a *discurso* seria comparável à intuição-expressão da filosofia neoidealista, enquanto a *língua* seria comparável à língua como instituição, como comunicação, como prática ou qualquer outra coisa.

Estamos, ainda aqui, com Ferdinand de Saussure, em pleno positivismo; a *discurso* é o momento individual, no sentido da realidade psicofisiológico do ato linguístico particular, enquanto que a *língua* é a parte social da linguagem, externa ao indivíduo, que não pode criá-la nem modificá-la.

A *língua* é estudada separadamente das outras partes da *linguagem*, e é um objeto de natureza concreta. Os signos, cujo sistema constitui a *língua*, não são abstrações, mas realidades que têm a sua sede no cérebro e são representáveis exaustivamente. O mesmo não se pode dizer dos atos individuais de *discurso*, porque o rigor tem necessariamente um limite. (SAUSSURE, 2012, p. 46)

A elaboração desses pontos de vista foi facilitada por algumas distinções introduzidas com clareza por Ferdinand de Saussure. A de *língua* e *discurso* pode ser interpretada como a que ocorre entre sistema abstrato e suas manifestações materiais particulares. A relação entre paradigma e sintagma pode ser interpretada em termos de código e mensagem.

Muitos fazem corresponder a ela a distinção terminológica entre estrutura (sintagmática) e sistema (paradigmático).

Em parte, esta distinção corresponde à precedente, visto que o código pertence à língua (ao sistema linguístico), e as mensagens são constituídas por atos singulares do *discurso*.

Num artigo de 1933, Witold Jan Doroszewski (1899-1976) fez uma interessante análise desta dicotomia saussuriana, considerando-a uma tentativa de conciliação entre as duas posições que, no fim do século XIX, se opunham, no debate entre David Émile Durkheim (1858-1917) e Gabriel Tarde (1843-1904). A ideia de *língua* corresponderia à ideia durkheimiana de *fato social*, porque ambas se referem a fatos psicossociais, externos ao indivíduo, sobre o qual exercem uma pressão, e existentes na consciência coletiva do grupo social. As "concessões" feitas ao elemento individual à *discurso*, ao contrário, ficariam prejudicadas pelas ideias de Gabriel Tarde.

Dada a falta de estudos que procuram enquadrar a obra de Ferdinand de Saussure na situação cultural da qual ela se origina, a tentativa de Witold Jan Doroszewski parece louvável, embora não concordemos com as suas conclusões, segundo as quais a doutrina saussuriana tiraria seu impulso de ideias elaboradas no seio da sociologia, da filosofia, da psicologia, e se apoiaria, "essencialmente, sobre uma concepção filosófica estranha, em substância, à linguística".

Por outro lado, ainda parece difícil ajuizar o valor exato que a dicotomia *língua-discurso* assume no *Curso de Linguística Geral* e distinguir como atuam as dicotomias individual-social, abstrato-concreto, código-mensagem e paradigma-sintagma.

5. *Sintagma e paradigma*

A *língua* é concebida por Ferdinand de Saussure (2012, p. 47) como um sistema de signos.

O *signo* não é uma coisa que está *para* outra, isto é, que desta é o signo, mas um vínculo, uma ligação entre duas coisas: "o signo linguístico une... um conceito e uma imagem acústica" (SAUSSURE, 2012, p. 106), ou seja, um *significado* e um *significante* (p. 107). Ele tem duas características essenciais: a *arbitrariedade* (p. 108-110) e a *linearidade* do significante (p. 110)²³.

Os signos não são abstratos, mas, "objetos reais" e "entidades concretas" estudadas pela linguística (p. 147). Essas entidades devem ser "delimitadas" (p. 148-152), isto é, devem ser unidades que se opõem umas às outras no mecanismo da *língua*. Além do mais, a combinação de significante e significado "produz uma forma, não uma substância" (p. 160)²⁴. Aqui se inscreve a noção de "valor": os valores são completamente *relativos*, não se podem "isolar do sistema do qual fazem parte" (p. 160). Isto vale tanto para o significado (p. 161-164) quanto para o significante (p. 165-167) ou ainda para o signo em sua totalidade (p. 167-170) porque, "na *língua* há apenas diferenças, *sem termos positivos*" (p. 167). Ou seja, na *língua*, como em todo sistema semiológico, "o que distingue um signo, é tudo o que o constitui" (p. 169) e é por isso que "*a língua é uma forma, e não uma substância*" (p. 170).

²³ Ferdinand de Saussure parece atribuir a máxima importância a este princípio: "ele é fundamental e suas consequências são incalculáveis" (2012, p. 110); trata-se para ele de um princípio evidente, mas que sempre se negligenciou formular como lhe convém. Na realidade, ele parece esquecê-lo depois, no *Curso de Linguística Geral*, e o retoma somente quando se trata de fundamentar a distinção entre relações sintagmáticas e relações associativas. A questão retornará, mas tarde, com a análise suprasegmental e a elaboração das teorias "prosódicas". (SAUSSURE, 2012, p. 158-170)

²⁴ É esta uma das teses saussurianas que estão no centro da teoria glossemática. (Cf. Coseriu, 1954).

Por outro lado, parece possível considerar os signos como entidades não apenas diferentes, mas também *distintas* e, em sua ordem, positivas (p. 167).

A concepção da língua como forma e não como substância, onde nada mais há que diferenças, sem termos positivos, constitui um dos aspectos mais sugestivos e mais avançados do *Curso de Linguística Geral*, ainda que Ferdinand de Saussure pareça não haver levado esta intuição até suas últimas consequências.

As relações que os signos mantêm entre si são de dois tipos (p. 171-182): relações sintagmáticas e relações associativas. Na ordem sintagmática, o valor de um termo é devido ao seu contraste com aquele que o precede e com aquele que o segue, visto que, pelo caráter linear do significante, um termo não pode ser simultâneo de outro. Ao contrário, na ordem associativa, um termo se opõe aos outros com os quais "tem qualquer coisa em comum", e que não surgem no discurso justamente porque aparece o termo, ele próprio: trata-se de uma relação *in absentia* e não *in praesentia*.

Os termos da relação associativa constituem uma "série mnemônica virtual", cuja sede "está no cérebro" (p. 172). O termo que aparece é "como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados" (p. 175) em ordem indeterminada e em número que pode ser indefinido (p. 175).

Mesmo aqui, é difícil perceber, exatamente, como Ferdinand de Saussure concebe a relação entre as duas dicotomias *língua-discurso* e *paradigma-sintagma*²⁵.

²⁵ A distinção entre sintagmático e associativo está no centro da reflexão de Radivoj Franciscus Mikus (1958) em sua tese de doutorado.

6. *Depois de Ferdinand de Saussure*

Estiveram à testa da escola genebrina como sucessores de Ferdinand de Saussure: Charles Bally – de 1913 a 1939, Albert Sechehaye – de 1939 a 1945 e Henri Frei (1899-1980) – de 1957 a 1972. Todos os três seguiram uma evolução própria e, em particular para Charles Bally, distanciada do pensamento saussuriano²⁶. Em 1940, por iniciativa de Serge Karcevskij (1884-1955), constituiu-se a Sociedade Genebrina de Linguística (substituída mais tarde pelo Círculo Ferdinand de Saussure); e, a partir de 1941, saíram os *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Em 1957, saiu um importante volume a respeito das fontes manuscritas do *Curso de Linguística Geral* (GODEL, 1957), mas somente em meados da década de 1960 começou a ser colocado seriamente o problema *filológico* da constituição do texto saussuriano. Tanto que, posteriormente, saíram edições críticas do *Curso* preparadas por Tulio de Mauro (em 1972) e por Rudolf Engler (1989).

Giulio Ciro Lepschy lamenta a falta de um bom trabalho monográfico a respeito de Ferdinand de Saussure que ilustre *toda* a sua obra, mostrando, em particular, os nexos entre a sua reflexão do indo-europeísta e as suas concepções teóricas como aparecem no *Curso de Linguística Geral* e nas edições críticas, e que identifiquem com precisão as origens e os nexos do pensamento saussuriano, além de sua efetiva influência através dos escritos e do ensino.

Este registro do valor atribuído a Ferdinand de Saussure, meio século após a publicação do *Curso de Linguística Geral* deveria ter sido lembrado no ano passado, quando se comemorou o seu centenário e muitíssimas reflexões novas, reforçadas com documentos originais do autor descobertos em

²⁶ A respeito da escola genebrina, confira Albert Sechehaye (1927), Henri Frei (1945-1949) e Robert Godel (1961).

1996 e publicados parcialmente em 2002, por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com tradução para o português em 2004.

Apesar do atraso, estamos pagando esta dívida, esperando que os interessados voltem a ler as contribuições mais antigas sobre Ferdinand de Saussure e sobre o estruturalismo, apesar da exigência quase generalizada de abonação dos trabalhos acadêmicos e artigos científicos com trabalhos publicados na última década.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença ente essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações). In: _____. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa: Tzvetan Todorov; introdução e tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 270-306.

BOLELLI, Tistano. *Per una storia della ricerca linguistica: testi e note introduttive*. [Napoli]: Morano, 1965.

COSERIU, Eugenio. *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje*. Montevideo: Universidad de la República, 1954.

DOROSZEWSKI, Witold Jan. Quelques remarques sur les rapports de la sociologie et de la linguistique: Durkeim et F. de Saussure. *JPsych*, n. XXX, p. 82-91, 1933. Disponível em: <<http://echo.mpiwg-berlin.mpg.de/ECHODOCView?url=/permanent/vlp/lit39556>>.

FREI, Henri (1899-1980). La linguistique saussurienne à Genève depuis 1939. *Acta Linguistica*, n. 5, p. 54-56, 1945-1949.

GODEL, Robert. L'école saussurienne de Genève. In: *Trends in European and American Linguistics*, 1930-1960. Utrecht-Antwerp: Spectrum pub, 1961, p. 294-299.

_____. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: Droz; Paris: Minard, 1957.

MIKUS, Radivoj Franciscus. *Principi sintagmatice*. 1958. Tese (de doutorado). – Universidade de Zagreb.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bally et Albert Secheyaye; avec la collaboration de Albert Riedlinger. Lausanne-Paris: Payot, 1916.

_____. *Cours de linguistique générale*. Édition critique préparée par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1972.

_____. *Cours de linguistique générale*. Édition critique préparée par Rudolf Engler. Otto Harrassowitz - Wiesbaden, 1989.

_____. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally, Albert Secheyaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira: Isaak Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. *Escritos de linguística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com colaboração de Antoinette Weill. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SECHEHAYE, Albert. L'école genevoise de linguistique générale. *Indogermanische Forschungen*, n. 44, p. 217-241, 1927.

TARDE, Gabriel. *Psychologie économique*. Paris: Félix Alcan, 1902. Disponível em:

<http://classiques.uqac.ca/classiques/tarde_gabriel/psycho_economique_t1/psycho_economique_t1.pdf>.